

O social-democrata como anarquista¹

Günter Grass recebe o último Prêmio Nobel do seu século

H.Boettiger

Tradução de Michael Korfmann²

Revisão de Gina Brusamarello³

Não se pode dizer que ele não contasse mais com isso. Mas, pouco a pouco, o tempo ía se acabando. É possível imaginá-lo ontem em sua residência em Behlendorf, por volta das treze horas, fumando o seu cachimbo, mais nervoso do que de costume. Pois este era o seu século e este oferecia apenas uma última chance.

Essa grande homenagem só poderia ter vindo de fora e o comitê do Prêmio Nobel encontrou o momento mais estratégico para isso. Há muitos anos, Grass vinha sendo visto não tanto como escritor, mas como protótipo do intelectual engajado, uma instância social. Foi o próprio Grass que procurou ser visto desta forma, não havia questão política para a qual não erguesse a sua voz, e esse posicionamento sempre marcava a discussão sobre os seus textos literários. O crescente desprezo às suas publicações por parte da crítica era previsível, mas gerou uma estranha relação dialética com o sucesso de vendas.

Com seu excessivo romance *Um campo vasto*, Grass tentou em 1995 mais uma vez uma grande cartada, juntou uma mega fantasia literária com sugestivos acontecimentos da política atual, posicionou-se contra a euforia pela Reunificação do Chanceler Kohl e pôs-se moralmente a favor dos habitantes da RDA – na mídia, quase não se encontrava uma opinião favorável a este livro, mas o número de leitores crescia. Na época do lançamento do seu último livro, em 1999, a coletânea em prosa *Meu século*, o seu auge parecia já ultrapassado: a crítica ficou cansada e condescendente, contentou-se com uma ironia suave em vez de comentários ácidos; o assunto parecia esgotado.

A dupla face do autor Grass ganhou contornos no decorrer dos anos 60: seu engajamento no partido que ele, de forma experimental e lúdica, mais do que o partido poderia ter permitido, chamou de *EsPeDe*, começou com a campanha de Willy Brandt para as eleições de 1965, ficando lado a lado com a fama incomparável conquistada com sua *Trilogia de Danzig*. *O Tambor* (1959), *Gato e Rato* (1961) e *Anos de Cão* (1963) representam certamente um dos pontos altos da

¹Cf. Frankfurter Rundschau, 6 de outubro de 1999.

²Professor Assistente do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

³ Acadêmica do Bacharelado em Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

literatura alemã. A maneira como *O Tambor* quebrava o clima sufocante e repressivo dos tempos de Adenauer, o modo como varreu a literatura meticulosa e intimista dos anos 50 de um só golpe, era realmente um acontecimento único.

Grass trouxe um tom prazeroso, anárquico, para a literatura contemporânea, algo transbordante, leve, revolucionário: elementos anticléricos e “obscenos”, excessos plebéicos e contra as autoridades, a insistência na teimosia individual. O tocador de tambor Oskar Matzerath, que parou seu crescimento aos três anos de idade, não somente eliminou o sistema referencial da República Alemã através de suas implicações pessoais e regionais, como também a estética desse romance estava muito à frente do seu tempo.

A literatura alemã do final dos anos cinquenta não estava preparada para alguém como Grass, filho de um pequeno comerciante, nascido em 16 de outubro de 1926 em Danzig-Langfuhr, que ficou imortal através da sua obra. Sua juventude boêmia parece outra hoje em dia: aprendiz de lapidário sem recursos, artista plástico em Duesseldorf e eventual trombonista num conjunto de jazz ele, já no início dos anos 50, viajava de carona pela Europa. O clima dos três anos que Grass passou em Paris entre 1956 e 1959, ele ressuscitava freqüentemente: o apartamento de subsolo úmido perto do Placê d'Italie, o manuscrito do *Tambor*, que rapidamente aumentou entre a troca de fraldas dos bebês e de uma ou outra garrafa de aguardente com, por exemplo, Paul Celan.

Mas foi o Grupo 47, apesar de inicialmente pouco reconhecido, que preparou o terreno para o *Tambor*, e o nome de Grass ficou inseparavelmente associado a esta instituição. No momento que Grass, em 1958, leu trechos do seu manuscrito num encontro deste grupo, em Großholzleute, esta reunião de autores obteve a pole-position na área literária da República Alemã e alcançou a liderança na formação de opiniões. A entrada em cena extraordinária do autor Grass fez com que o Grupo 47, até então ainda deixado de lado pelos meios dominantes, se tornasse o fator literário determinante.

As discussões do grupo 47 sobre questões de técnicas literárias e a crítica solidária, mas impiedosa, é o modelo que caracterizou Grass e que ele defende até hoje. Com o honorário do seu último livro de sucesso, *O Linguado* (1977), Grass instituiu o Prêmio Alfred Döblin, que acentua antes de tudo conversas construtivas entre os autores concorrentes, algo que depois do Grupo 47, dentro de um contexto diferente, parece ser obsoleto. Mas Grass participa destes encontros até hoje e sua presença garante a sobrevivência desta ficção.

O Grupo 47 também marcou Grass através da sua combinação típica de discussão literária e discussão político-social. A luta contra o rearmamento, a busca programática de uma política alternativa, de um novo governo no início dos anos 60, rapidamente viram Grass como protagonista e o fato de um filho de Willy Brandt fazer um papel no filme *Gato e Rato* parecia confirmar a aliança entre estética e política.

A dupla face de Grass, de um lado a linguagem excessiva e prazerosa da sua prosa, indicando um temperamento anárquico, e do outro lado o engajamento

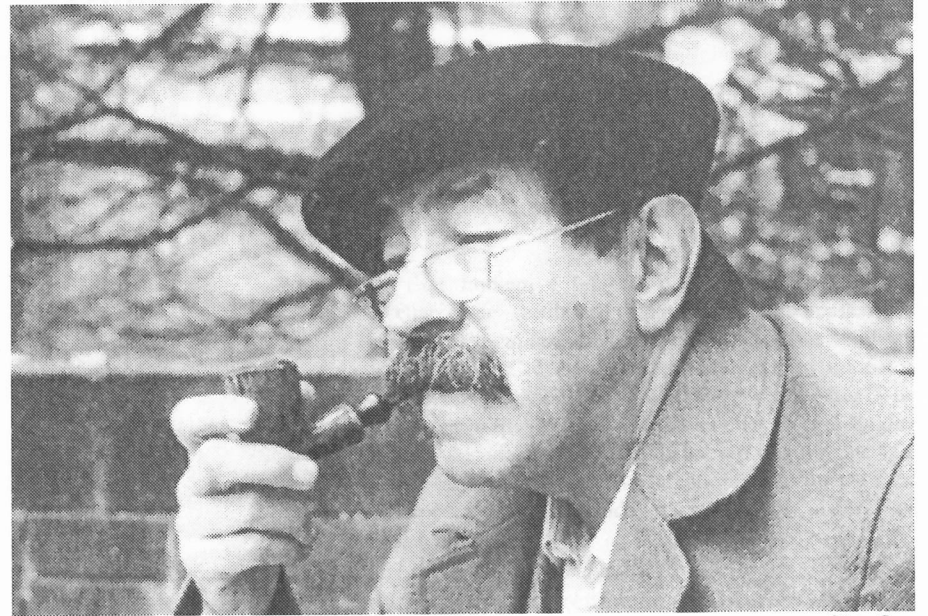
em uma social-democracia moderada, causou uma certa irritação já desde o início de sua carreira. O próprio Grass não cansa de repetir que a base para seu engajamento político se encontra na experiência do fracasso da República de Weimar, onde a democracia parlamentar foi aniquilada pelos extremos totalitários.

Uma análise cuidadosa mostra que mesmo nos textos literários iniciais de Grass, com todos os seus ornamentos barrocos e detalhes sensoriais, encontra-se um ímpeto moralista. Existe uma moral de Oskar Matzerath que pode ser chamada de corajosa, e o toque genial do *Tambor* consiste em ironizar o clássico romance de formação alemão e ao mesmo tempo continuar esta tradição. A constelação de personagens e ações parece ser, à primeira vista, anárquica, embora inspirada por uma convicção extremamente democrática.

Apesar de ter publicado uma lista extensa de trabalhos no decorrer dos anos, Grass sempre foi lembrado como autor da trilogia de Danzig. No final dos anos setenta, quando a “nostalgia” estava na moda, houve uma certa renascença de Grass com seu romance *O Linguado*, e o conto *Encontro em Telgte* de 1979, esse provavelmente seu texto mais belo, que homenageou Hans Werner Richter e o Grupo 47 no encontro fictício de autores barrocos na cidade de Telgte.

Houve fases diferentes no desenvolvimento político de Grass: depois de ter participado com entusiasmo de uma campanha para Willy Brandt, houve conflitos com o SPD, do qual ele saiu em 1993 alegando incompatibilidade com sua posição referente à questão de asilo para refugiados políticos. Houve a visão apocalíptica da *A Ratazana* de 1986 e a estada em Calcutá, resultando no livro *Mostrar a língua*, de 1988. O processo da Reunificação Alemã, a partir de 1989, injetou novas energias na missão política de Grass. Restou a dúvida se sua defesa do moralmente certo era admirável ou levava à conclusão de que Grass agiu cada vez mais como citação de si mesmo, como um monólito de um tempo literário político do passado. Usava cada vez mais a mídia para divulgar suas convicções políticas e sua editora aproveitou bem este espaço. Através do Grupo 47, Grass aprendeu cedo a lidar com o interesse público.

Outros países sempre mostraram uma visão mais serena em relação a Grass: a França considerou as discussões sobre *Um campo vasto*, um indicativo das dificuldades frente a uma nova identidade alemã e a Dinamarca lhe concedeu o bem conceituado prêmio Sonning. E o comitê do prêmio Nobel também enfatiza que se deve homenagear Grass como um grande escritor e defensor de uma Alemanha democrática. Isto nos causa alegria. Mostramos nossa reverência. Agora, tendo entrado para os anais do Prêmio Nobel 1999, este se tornou o *seu século*.



Günter Grass